

Fontes históricas nativas pré-hispânicas e coloniais da Mesoamérica e Andes: conjuntos e problemas de entendimento e interpretação

(texto em construção)

Eduardo Natalino dos Santos
Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e
Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo

Introdução

Alguns dos maiores conjuntos de representações figurativas produzidos por populações nativas americanas, tanto na época pré-hispânica quanto colonial, procedem da Mesoamérica e dos Andes. São centenas de pinturas murais e milhares de esculturas, relevos em pedra, barro ou gesso, cerâmicas e tecidos. Isso se deve, entre outras coisas, aos seguintes fatores: denso povoamento nativo; emprego, em larga escala, de materiais duráveis na construção de centros político-cerimoniais e cidades e na confecção de objetos; existência de tradições de estudos acadêmicos – e de colecionadores – interessados em tais centros, cidades e objetos que remontam ao século XIX; presença de condições climáticas favoráveis à conservação de materiais perecíveis em boa parte dessas duas macro-regiões.

Além disso, ainda em tempos pré-hispânicos, empregaram-se sistemas de escrita *pictoglífica*¹ na Mesoamérica – presentes nos códices e em outros suportes materiais – e formas específicas de registros numérico-categóricos na região andina – como os quipos, cujo funcionamento ainda não é totalmente entendido, sobretudo no que diz respeito a uma possível codificação de narrativas, isto é, de signos que remeteriam a elementos não numéricos ou categóricos.²

1. Embora seja um neologismo, prefiro o termo *pictoglífico* a *pictográfico* por evocar explicitamente a combinação entre elementos *pictóricos* e *glíficos*, uma das principais características tanto do sistema de escrita mixteco-nahua quanto do maia, dois dos mais importantes e estudados sistemas escriturários mesoamericanos.

2. Cf. URTON, Gary. *Quipu. Contar anudando en el imperio inka. Exposición julio 2003 – abril 2004*. Santiago: Museo Chileno de Arte Precolombino & Universidad de Harvard, 2003.

Em tempos coloniais, além da continuidade decrescente da produção dos registros figurativos e escritos mencionados acima, a participação de indígenas em esferas ou instituições de origem européia – como as municipalidades e as missões religiosas – possibilitou que uma quantidade copiosa de escritos alfabéticos fosse produzida diretamente por eles ou que eles interviessem de forma mais ou menos vigorosa, dependendo de cada caso, em escritos produzidos por castelhanos. Ademais, muitos indígenas, sobretudo membros ou descendentes das antigas elites dirigentes, utilizaram a escrita alfabética para produzir textos ou “verter” antigos relatos ou escritos de forma relativamente autônoma das instituições coloniais.

Uma parte significativa desses registros figurativos e escritos – pré-hispânicos ou coloniais – possui a própria história nativa por temática central. São auto-representações que tratam primordialmente do passado e que foram produzidas por ou são tributárias de *tradições locais de pensamento*, ou seja, de organizações, grupos, instituições ou indivíduos que se dedicavam de modo sistemático, mas não necessariamente exclusivo, à construção, manutenção, transformação, veiculação e, em muitos casos, perpetuação de explicações socialmente aceitas, as quais poderiam incluir desde as origens e funcionamento do Mundo até a história local recente.³ Podemos chamar esse grupo de registros sobre o próprio passado de *fontes históricas nativas* mesoamericanas e andinas. Esse conceito aparece, quase como o empregaremos, em algumas das mais importantes obras de referência para o estudo das fontes mesoamericanas – como o *Handbook of Middle American Indians*, vol. 14 e 15⁴ (HMAI) – e andinas – como *The Cambridge*

3. Tratamos das principais características das tradições inca e nahua, bem como de suas transformações no início do período colonial em: SANTOS, Eduardo Natalino dos. As tradições históricas indígenas diante da conquista e colonização da América: transformações e continuidades entre nahuas e incas. In: *Revista de História. Departamento de História, FFLCH-USP*. São Paulo: Humanitas & FFLCH-USP, n.º 150, pp. 157-207, 1o. semestre de 2004.

4. No caso do HMAI, as fontes históricas nativas são um subgrupo das chamadas fontes etnohistóricas (*ethnohistorical sources*), conjunto mais amplo que inclui todos os escritos pictográficos – pré-hispânicos ou coloniais – e os alfabéticos que informam de modo abundantemente sobre quaisquer aspectos das sociedades indígenas e que tenham alguma relação com as tradições históricas nativas (*native historical tradition*). Cf. CLINE, Howard F. (editor dos volumes). *Handbook of Middle American Indians – vol. 14-15*. Austin: University of Texas Press, 1975.

History of the Native Peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1⁵ (CHNPA).

Dissemos que empregaremos tal conceito *quase* como aparecem em tais obras porque acreditamos que seria importante aos estudos mesoamericanos e andinos incluir nele conjuntos de registros figurativos – como as pinturas murais e cerâmicas, o que não é feito por essas obras. Pensamos que essa inclusão incentivaria trabalhos interdisciplinares que empregariam esses dois tipos de registros, normalmente analisados por estudiosos de áreas distintas, como são os historiadores e arqueólogos. Isso porque os trabalhos interdisciplinares realizados nas últimas três ou quatro décadas – principalmente por historiadores, antropólogos e arqueólogos, mas também por estudiosos de outras áreas – têm se mostrado como um caminho promissor para a compreensão dos múltiplos e mutáveis significados e usos que todas essas fontes teriam em suas sociedades de origem.

Além dessa proposta de ampliação do conjunto de fontes históricas nativas, que passaria, portanto, a englobar também as representações figurativas que tratam centralmente do passado, apresentarei uma proposta de subdivisão desse conjunto ampliado. Tal subdivisão se fundamentou na existência de problemas específicos de entendimento e interpretação que perpassam certos grupos de registros. Esses problemas definidores de grupos, por sua vez, derivam de características compartilhadas pelos registros, entre as quais merecem destaque a época de produção (pré-hispânico ou colonial), a região de confecção (Mesoamérica ou Andes) ou o tipo de registro (figurativo ou escrito). Entrecruzando esses critérios de separação, obtivemos os seguintes grupos no interior do conjunto das *fontes históricas nativas* da Mesoamérica e Andes serão: I – *Fontes históricas pré-hispânicas figurativas ou de leitura⁶ ampla*; II – *Fontes históricas pré-*

5. No caso do CHNPA, concebe-se como fontes históricas nativas “...writings that contain native South American versions of the past...” Cf. SALOMON, Frank. Testimonies: The making and reading of native south american historical sources. In: *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Editores Frank Salomon e Stuart Schwartz. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. pp. 19.

6. Empregaremos o termo *leitura* como sinônimo de reabilitação de informações e significados codificados por meio de qualquer sistema de registro, tanto dos que são denominados como

hispanicas escritas ou de leitura estrita; III – Fontes históricas nativas coloniais em textos alfabéticos ou pictográficos. Os três grupos serão ainda subdivididos em fontes *mesoamericanas e andinas*.

Essa proposta não é totalmente inovadora, pois, como mencionamos, coincide e se baseia parcialmente em propostas presentes em outras obras. Tampouco, dá conta de todos os grupos que poderiam ser formados no interior do conjunto das *fontes históricas nativas* – por exemplo, não iremos incluir as representações figurativas coloniais nativas, tais como as pinturas, a não ser na medida em que estejam incluídas em códices pictográficos ou escritos alfabéticos coloniais. É importante dizer também que a pretensão deste texto não é constituir um catálogo ou manual que abranja todos os registros que poderiam se abrigar sob tal denominação e nem todos os problemas de entendimento e interpretação a eles relacionados. A intenção é apenas propor um exercício de tipologia por meio de casos exemplares e com base em alguns problemas de entendimento e interpretação, talvez aqueles com os quais mais tenho me defrontado nas pesquisas que tenho realizado e que empregam essas fontes históricas nativas como elementos centrais de análise.⁷ Além disso, talvez o artigo contribua para apresentar aos estudiosos não familiarizados com esses registros um conjunto disponível de fontes muito pouco empregado ao tratarmos dos povos indígenas, e que podem ser importantes contrapontos às fontes castelhanas.

I – Fontes históricas pré-hispânicas figurativas ou de leitura ampla

Sob essa denominação pretendemos agrupar todos os registros nativos mesoamericanos e andinos produzidos em tempos pré-hispânicos que tratam

escritas – que teriam convenções delimitadas de modo mais estrito – quanto dos que têm sido classificados como representações figurativas – sujeitos a um rol mais amplo de convenções.

7. O objetivo central das pesquisas tem sido entender as concepções de história e cosmogonia das elites dirigentes da Mesoamérica e Andes como construções sociopolíticas ativas, isto é, que envolviam, determinavam e eram determinadas por uma série de outros fenômenos e processos sociais, tais como a pertinência ou não de uma determinada versão histórica a um grupo conquistador ou o interesse de seus produtores na aquisição ou manutenção de determinados privilégios no interior de redes de alianças, inimizadas e acordos políticos, como as que se construíram no início do período Colonial.

centralmente de representar visões do passado e que para isso se servem de critérios e convenções mais abertos de codificação de significados do que os empregados nos sistemas de escrita, mesmo no sentido mais amplo deste termo. Em outras palavras, estamos nos referindo a toda uma gama de representações figurativas cuja leitura não se vinculava diretamente a qualquer sistema de representação visual ou tátil do pensamento ou da fala com convenções, usos, lógica e gramática estabelecidos de modo relativamente estrito – em determinada sociedade ou fração social –, os quais garantiriam uma qualidade básica a qualquer sistema de escrita: a permanência e a reabilitação de significados relativamente bem determinados e socialmente compartilhados a partir da decodificação de seus registros.⁸

Apesar disso, não se trata de propor que tais registros figurativos sobre o passado fossem alvos de leituras livres. Como em qualquer sociedade, o universo visual dos povos andinos e mesoamericanos possuía condicionantes que direcionavam seus entendimentos e usos, constituídos, principalmente, por um grande repertório de significados e pelas situações históricas concretas e cambiantes em que as imagens operavam. Veremos que no caso dessas representações, os dois principais problemas são justamente a falta de evidências para entender esse repertório e essas situações, sobretudo no caso andino. Sendo assim, pensamos que manter a idéia que esse tipo de registro também deva ser entendido como passível de uma leitura, mesmo que muito ampla, é útil para avançarmos em alguns pontos e evitar alguns equívocos, como procuraremos mostrar abaixo.

Andinas

Da região andina provém um universo quase imensurável de representações figurativas, produzidas em todos os períodos e horizontes da

8. Cf. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Calendário, cosmografia e cosmogonia nos códices e textos nahuas do século XVI*. Tese de doutorado. Orientadora Janice Theodoro da Silva. São Paulo: Departamento de História da FFLCH – USP, 2005. p. 83.

história dessa região⁹, mas principalmente a partir do Período Cerâmico Inicial (3000/1800 - 1200 a.C.) e do Horizonte Formativo (1200 - 200 a.C.). Neste Horizonte, observa-se uma das mais antigas manifestações de uma cultura supralocal ou de tendência pan-andina: a chamada cultura Chavín, que se desenvolve a partir dos departamentos peruanos de Ancash, Lima, Huánuco e adjacências. Nela, e nas culturas posteriores, as imagens serão produzidas em larga escala – sobretudo nas cerâmicas e tecidos – e terão funções políticas centrais, ocupando posições de destaque na arquitetura dos centros político-cerimoniais controlados pelas elites dirigentes – principalmente no caso dos relevos.

Como mencionamos, nossa intenção é tratar apenas do que podemos chamar de *fontes históricas nativas* e, por isso, entre todas as representações daremos prioridade às que possuem manifestadamente um *caráter narrativo*, isto é, que aparentemente codificam seqüências de eventos¹⁰, característica fundamental das explicações sobre o passado.

Entre todas as representações figurativas andinas pré-hispânicas, as que parecem apresentar de maneira mais evidente esse caráter narrativo encontram-se na cerâmica mochica, produzida na costa norte do Peru entre o início da era cristã e 800 d.C.¹¹ Tal caráter é construído por meio de representações pictóricas de cenas compostas por personagens, objetos e ações que se repetem parcialmente em outras configurações ao longo da narrativa visual, muitas vezes organizada por meio de faixas que direcionam as cenas num certo sentido, como podemos observar na **Figura 1**, onde as tais faixas direcionam a leitura em torno do vaso de

9. Uma das representações figurativas mais antigas encontra-se em Kotosh, no Templo das Mãos Cruzadas, que dataria de aproximadamente 2500 a.C.

10. É claro que uma representação figurativa isolada, que apresenta uma organização mais sincrônica, também pode ser parte de uma série narrativa. No entanto, isso é muito difícil de ser detectado na maioria dos casos das representações figurativas andinas.

11. Há outras séries, como a formada pelos relevos em pedra do mosaico megalítico de Cerro Sechín (1200 a.C.), que representariam uma procissão de homens armados intercalados com homens esquartejados, mas cujo vínculo ou relação narrativa entre as cenas é de difícil estabelecimento. Em outros casos, temos também a referência colonial à existência de outras representações que poderiam compor nosso conjunto de fontes históricas pré-hispânicas de “leitura ampla”, tal como a série de pinturas que o Inca teria no Poquen Cancha – uma parte do Templo do Sol, próximo a Cuzco – sobre a vida e as conquistas de cada um de seus antecessores, mencionado por Cristóbal de Molina, o cusquenho. Além desses outros grupos virtuais, há o problema da possível existência de relatos que estariam codificados em sistemas que não compreendemos, como os quipos narrativos e os tocapus incas. Sobre esses registros é, portanto, difícil emitir qualquer juízo acerca de seus possíveis conteúdos ou temáticas.

baixo para cima. Esse manifesto caráter narrativo-dioacrônico das pinturas cerâmicas mochicas tem levado alguns estudiosos a chamá-las de *imagens legíveis*¹², denominação que nos parece apropriada por evidenciar a existência de uma característica fundamental para a compreensão desses registros figurativos: a observância de seu sentido de leitura e a relação de interdependência entre suas diversas cenas.

Essas pinturas sobre cerâmica apresentam, por um lado, sucessões de cenas que constituem alguns episódios considerados potencialmente históricos, como membros das elites dirigentes empreendendo batalhas, conquistas ou uma seqüência de atividades político-cerimoniais. Por outro, apresentam eventos que consideraríamos menos críveis, como relações com deuses ou feijões tornando-se homens¹³ – os quais, no entanto, poderiam ser vistos como parte das explicações sobre o passado pelos moches. Não estamos pressupondo, ingenuamente, que as imagens da cerâmica mochica que remeteriam a episódios críveis possuam necessariamente uma relação de verossimilhança com o passado. Nosso foco de atenção prioritário neste artigo não será o problema da verossimilhança entre as explicações históricas nativas e os acontecimentos. Pretendemos apenas identificar fontes históricas nativas andinas em potencial para colocá-las em relação com outros grupos de registros e refletir acerca dos principais problemas de entendimento e de uso conjunto desses diversos tipos de registros, deixando, para outra ocasião, o problema da relação de verossimilhança entre essas informações e os acontecimentos – o qual, reconhecemos, é central para o entendimento das visões que os mesoamericanos e andinos possuíam do passado, mas que

12. Ou *legible images*. Cf. SALOMON, Frank. Testimonies: The making and reading of native south american historical sources. In: *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Editores Frank Salomon e Stuart Schwartz. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. pp. 19-96.

13. Ou sendo transportados por *chasquis* – mensageiros que cobriam grandes distâncias a pé – e lidos como uma linguagem codificada por especialistas. Essas representações levaram alguns estudiosos a proporem que esses feijões da costa norte do Peru, grandes como favas, um dos alimentos mais antigos cultivados nessa região, fossem utilizados, depois de receberem certas “marcas”, como uma espécie de escrita. Entre esses estudiosos, Larco Hoyle. Cf. Kaufmann Doig, Federico. *Mochica, nazca, recuay en la arqueología peruana*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1966.

justamente por isso necessitariam, pelo menos, de um outro artigo para ser adequadamente tratado.

De todos os modos, é muito difícil, no caso da cerâmica mochica, chegar a uma leitura ou interpretação mais ou menos consensual sobre os significados de tais representações. Um dos principais problemas é o modo descontextualizado em que grande parte dessas peças – objetos de cobiça de *huaqueros* e colecionadores – chega aos estudiosos, fazendo com que as informações que poderiam resultar da análise arqueológica de seu contexto sejam perdidas. Outras matrizes de discordâncias são a projeção retrospectiva de conceitos do mundo andino posterior para o caso mochica e algumas interpretações essencialistas, isto é, que atribuem significados fixos e universais a certas formas. Voltaremos a esses problemas ao final desta parte do texto, depois de tratar das fontes mesoamericanas.

Mesoamericanas

No caso da Mesoamérica, também temos um conjunto imenso de representações figurativas produzidas em todas as fases de sua história, principalmente a partir do início do Período Pré-clássico Médio (1200 a.C.). Vão desde os relevos, “altares”, estelas, esculturas e cabeças colossais olmecas de Chalcatzinco, La Venta e Tres Zapotes (produzidos por todo o I milênio a.C. até os primeiros séculos da Era Cristã), passando pelas esculturas e estelas zapotecas e maias e pelos objetos figurativos e murais de Teotihuacan do Período Clássico (200 – 900 d.C.), e chegando até as esculturas, pinturas e relevos toltecas e tolteco-chichimecas do Período Pós-clássico (900 – 1521 d.C.).

No entanto, há um grande diferencial em relação ao caso andino: grande parte das representações figurativas mesoamericanas contém ou articula-se com representações da escrita pictográfica. Isso ocorre, por exemplo, desde os relevos de San José Mogote e Monte Albán, considerados as mais antigas manifestações mesoamericanas do sistema de calendário e de escrita¹⁴, passando pelas pinturas

14. Estamos nos referindo à estela conhecida como Monumento 3 de San José Mogote, que traz o Sr. Um Xoo sacrificado e que foi produzida por volta de 600 a.C., e às estelas 12 e 13 de Monte

murais maias, como as de Bonampak, e chegando até os monumentais gravados em pedra mexicas, como a Pedra do Sol ou a Pedras das Idades do Mundo de Moctezuma II. Essa articulação proporciona importantes pistas para a leitura ampla dos elementos figurativos, pois temos, em muitos casos, uma espécie de texto acompanhando a imagem, o qual fornece um rol de informações mais precisas: antropônimos, topônimos, datas, ações, etc. Isso permite, em parte dos casos, sabermos se estamos diante de auto-representações sociais acerca do passado, isto é, do que estamos chamando de *fontes históricas nativas pré-hispânicas de leitura ampla*. Alguns dos conjuntos mais importantes de fontes pré-hispânicas mesoamericanas que se encaixam nessa delimitação são:

1 - As estelas olmecas e zapotecas produzidas entre meados do I milênio a.C. e os séculos II ou III d.C. - no caso das estelas zapotecas, esse produção avança pelo menos até o século VII ou VIII d.C. Grande parte dessas estelas apresenta uma característica básica em comum, que se fará presente também nas estelas maias e nos códices mesoamericanos: a articulação direta entre escrita e figuração, isto é, entre signos que remetem de modo mais estrito e bem estabelecido a um nome, conceito, idéia ou som da fala e signos que remeteriam a conjuntos de significados mais amplos, sujeitos, portanto, a leituras menos precisas - o que pode ser uma vantagem sobre os escritos a depender do tipo de uso que se pretende. É essa articulação que podemos observar na **Figura 2**, que reproduz a Estela 2 de Monte Albán (150 - 500 d.C.). Em sua porção esquerda temos uma personagem vestida com um traje de jaguar e aprisionada pelo pescoço e na porção direita uma seqüência de glifos dispostos em uma coluna.

2 - As pinturas murais de Teotihuacan produzidas entre os séculos IV e VII d.C., tais como as de Tepantitla e Tetitla. Nestes casos, podemos observar o mesmo tipo de articulação mencionada no caso anterior, mas com uma presença bastante minoritária de glifos ideográficos, antroponímicos, toponímicos e uma ausência quase absoluta de glifos calendáricos, os quais abundam nos casos olmecas e zapotecas.

Albán (500 - 400 a.C.), consideradas por alguns como os textos mais antigos da Mesoamérica. Cf. MARCUS, Joyce. *Mesoamerican writing systems. Propaganda, myth, and history in four ancient civilizations*. Princeton: Princeton University Press, 1992. p. 38-39.

Nos dois casos – nas estelas olmecas e zapotecas e nos murais de Teotihuacan – há um problema em comum: a decifração bastante incompleta dos sistemas de escrita. Na verdade, no caso de Teotihuacan a presença minoritária de glifos, como podemos observar na **Figura 3**, que reproduz fragmentos destes murais, tem gerado uma grande polêmica sobre própria existência de um sistema de escrita nesta cidade. Os defensores que tal sistema não teria existido alegam que nenhuma estela, semelhante às de Monte Albán ou das cidades maias, foi encontrada naquela cidade e que as representações visuais dos murais não são inquestionavelmente aceitas como parte de um sistema de escritura.¹⁵ Do outro lado, estão os autores que partem de uma concepção mais ampla de escrita, defendendo que muitos dos elementos que compõem as cenas e personagens – tidos como signos que seriam objeto de uma leitura mais ampla – são, na verdade, glifos integrados a pinturas ou glifos que explicitam, que “exageram” seus fundamentos figurativos.¹⁶

Sendo assim, tanto no caso olmeca e zapoteca quanto no teotihuacano, a articulação das representações figurativas com as escritas não é de muito auxílio para determinarmos a temática grafada nesses registros, ao contrário do que ocorre no caso maia e mixteco-nahua. É, portanto, muito difícil dizer, de maneira inquestionável, quais desses registros olmecas, zapotecas e teotihuacanos possuem o passado como temática central, embora, alguns deles, como as cerca de quarenta lajes com inscrições encontradas no Edifício J de Monte Albán, têm sido lidos, com certo consenso, como glifos de locais conquistados, sobretudo por sua estreita associação e semelhança com esse tipo de representação no sistema mixteco-nahua. Em outros casos, também há fortes indícios que o passado seja a temática central, como na Estela 2 de Monte Albán, na qual temos a presença de datas e de um guerreiro aprisionado, como será comum em alguns murais e estelas maias.

15. Os autores que usam uma definição mais estreita de escrita defendem que “...even though there is some limited use of glyphic notations as possible names, captions, or labels at Teotihuacán, I see less evidence for true writing in Teotihuacán art...” MARCUS, Joyce. *Mesoamerican writing systems. Propaganda, myth, and history in four ancient civilizations*. Princeton: Princeton University Press, 1992. p. 17.

16. Esses autores afirmam que “...Teotihuacan indeed possessed a complex system of hieroglyphic writing, which appears not only on small portable objects but also in elaborate murals in many regions of the city.” TAUBE, Karl. *The writing system of ancient Teotihuacan*. Barnardville, N.C. & Washington D.C.: Center for Ancient American Studies, 2000 (Ancient America). p. 2.

3 – As pinturas murais, os relevos em pedra, os painéis em gesso e pinturas em cerâmica maias. Trata-se de um enorme conjunto formado por representações presentes nos mais de cem principais centros político-cerimoniais maias do período Clássico (200 – 900 d.C.) e Pós-clássico Inicial (900 – 1200 d.C.), entre os quais se destacam Tikal, Uaxactún, Piedras Negras e Quiriguá (Guatemala), Copán (Honduras), Yaxchilán, Palenque e Bonampak (Chiapas), Dzibilchaltún, Cobá, Labná, Kabah, Uxmal e Chichén Itzá (Iucatã). A grande maioria dessas representações figurativas apresenta-se, como mencionamos, articulada com elementos do sistema de escrita¹⁷ e com um importante diferencial em relação aos casos olmeca, zapoteca e teotihuacano: o alto nível de entendimento que os estudiosos possuem da escrita maia, construído principalmente a partir dos anos 1950.¹⁸ Sendo assim, tem sido muito mais viável determinar quais dessas representações figurativas e textos tratam de episódios passados e perceber que há uma quantidade assombrosa de fontes históricas nativas maias, principalmente sob a forma de estelas e gravados em pedra. Nessas fontes, os episódios são precisamente localizados pelo sistema de calendário e suas personagens são nomeadas e têm suas ações descritas.¹⁹ É o que podemos ver, por exemplo, no Dintel 24 de Yaxchilán, reproduzido na **Figura 4**, que representa figurativamente o soberano Itsam Balam (Escudo Jaguar) e sua esposa principal fazendo um autosacrifício no dia 28 de outubro de 709²⁰, informações contidas nos glifos em alto-relevo que acompanham a cena figurativa. Tais informações permitem uma leitura muito mais precisa e frutífera dos elementos que compõem a cena

17. No caso da cerâmica pintada maia, há um grande conjunto de vasos que apresenta essa articulação de forma sistemática e muito semelhante à que se encontra nos códices. Esses tipo de peça tem sido chamada de vaso-códice. Cf. LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Códices – Los antiguos libros del Nuevo Mundo*. México: Aguilar, 2003.

18. Alguns dos principais responsáveis por lançar as bases da decifração da escrita maia, isto é, a perceber que se tratava de um sistema misto – ideográfico-fonético – foram Yuri Knorozov, Heinrich Berlin e Tatiana Proskouriakoff.

19. Como afirmamos em nota anterior, não se trata de pressupor que tais registros tenham a busca da maior verossimilhança possível, nos moldes da que se pretende no interior da tradição histórica ocidental contemporânea, como fundamento central. São conhecidos casos em que as estelas associam “datas oportunas” a certos eventos. Por exemplo, uma das estelas do Templo 14 de Palenque, inaugurada em 6 de novembro de 705 d.C., trata da morte e da apoteose de Chan-Bahlum, ocorrida, ao que parece, em 702 d.C. Cf. SCHELE, Linda & FREIDEL, David. *A forest of kings. The untold story of the Ancient Maya*. Nova Iorque: Quill William Morrow, 1990.

20. Cf. COE, Michael D. & KERR, Justin. *The art of the maya scribe*. Londres: Thames and Hudson, 1997. p. 196.

figurativa, pois permitirem, por exemplo, relacionar os atavios e objetos portados pelas duas personagens – ou a relação posicional entre elas – a uma circunstância em específico e, ao mesmo tempo, aos atributos ou signos de poder das elites dirigentes maias do final do período Clássico.

4 – Murais, relevos e gravados toltecas e tolteco-chichimecas do período Pós-clássico (900 – 1521 d.C.). Trata-se de um conjunto muito amplo e caracterizado pela diversidade de procedência cultural: são representações figurativas produzidas em várias partes da Mesoamérica ao longo deste período, mas que possuem em comum a relação com a ascensão e domínio político de novos grupos de poder, chamados de toltecas ou toltecas-chichimecas – ou de grupos a eles vinculados, como, talvez, os maias de Chichén Itzá. No caso da região de Oaxaca e do altiplano central mexicano, essas representações figurativas, como os frisos de Tula Xicocotitlan, os relevos de Xochicalco ou os murais de Cacaxtla, possuem em comum a estreita vinculação com o sistema de escritura mixteco-nahua, cujo entendimento, embora sujeito a polêmicas em alguns pontos, tem avançado de forma considerável e permitido, assim como no caso maia, análises relativamente precisa e frutíferas dessas representações. No caso específico dos mexicas, há toda uma série de relevos em pedra e outros gravados que são constituídos primordialmente por representações figurativas, como a estátua conhecida como Coatlicue Mayor e a enorme laje onde está esculpida Coyolxauhqui esquartejada, reproduzida na **Figura 5**, nas quais praticamente não temos elementos do sistema de escritura em articulação direta. No entanto, o estudo e análise de imagens como estas têm se apoiado em outros gravados ou escritos que tratam das mesmas personagens ou episódios, vinculados ao passado mexica, e, desse modo, têm obtido interpretações que superam as meras descrições.²¹

Vimos que os registros componentes das *fontes históricas pré-hispânicas figurativas ou de leitura ampla* apresentam situações diversas de análise e

21. As representações figurativas dos códices mesoamericanos pré-hispânicos também poderiam constar como parte deste grupo de fontes. No entanto, como os textos propriamente ditos – ou seja, as representações visuais formados por seqüências de glifos, muitos dos quais incorporados ou indistinguíveis das representações figurativas – são predominantes nas páginas desses manuscritos, preferimos tratar deles na próxima parte deste texto.

entendimento. De modo geral, talvez possamos dizer que as imagens mesoamericanas são atualmente mais bem compreendidas pelos estudiosos graças, sobretudo, ao auxílio de outro tipo de representação: os textos pictográficos. Apesar disso, pensamos que, tanto no caso mesoamericano quanto andino, a leitura e interpretação dessas fontes poderia avançar com a superação ou minoração de três grandes problemas:

1 - O desconhecimento do contexto de produção e uso de muitas dessas representações, sobretudo das portáteis, como vasos cerâmicos pintados, esculturas, pequenos gravados e outros. Eles têm sido um dos principais alvos dos colecionadores e, portanto, dos saqueadores e traficantes, que por suas ações privam os estudos arqueológicos de inferir informações dos contextos de origem dessas peças. A relação claramente existente entre a descontextualização, o não-entendimento ou a inexistência de fontes escritas articuladas a essas representações e a conseqüente dificuldade de se obter avanços de entendimento ou interpretação nos mostra, entre outras coisas, a necessidade de outras fontes de informação para entender esse tipo de registro. Isso porque, os significados das imagens não estão nelas, mas são construídos em seus usos sociais, aos quais temos acesso por meio de outros tipos de vestígios, além das próprias imagens, como explicaremos abaixo.

2 - A tendência a universalizar ou essencializar os significados de determinadas formas, subestimando o valor em uso, a forma de apropriação dos objetos e signos em contextos e situações sociais específicas. Desde que as ciências humanas reviram o conceito de cultura e ele passou a designar não apenas o conjunto de artefatos herdados, bens, processos técnicos, idéias, hábitos e valores – como propunha Malinowski –, mas também as dimensões simbólicas da ação social, um campo de conflitos, de ações incoerentes e de reprodução não-automática – como propõem, entre outros, Clifford Geertz, Pierre Bordieu e Michel de Certeau –, temos como resultado necessário que tudo o que é recebido, é recebido conforme a maneira do recebedor. Considerando-se isso seriamente, temos, como conseqüência necessária, a impossibilidade de encontrar sentidos

fixos nos artefatos culturais, o que se tornou um grande problema para a História, a História da Arte e para a Arqueologia.

3 - A projeção retrospectiva das informações mais recentes, principalmente das oriundas do primeiro século do contato, aos períodos longínquos da história da Mesoamérica e Andes. Qual a validade de interpretarmos os gravados em pedra da cultura Chavín com base nos dados do mundo inca? Ou de interpretarmos os relevos olmecas e as pinturas murais de Teotihuacan fundamentados em informações sobre os mexicas coloniais? Esses procedimentos, que sem dúvida têm servido como importantes auxiliares nos avanços dos estudos das sociedades pré-incas e pré-mexicas - por vezes, os únicos -, talvez pressuponham a validade de dois conceitos insustentáveis no atual panorama de discussão teórica sobre o que é uma cultura e como ela se transforma, a saber: a universalidade do significado de formas idênticas ou semelhantes e a imutabilidade do mundo indígena.

II - Fontes históricas pré-hispânicas escritas ou de leitura estrita

Mencionamos no início da primeira parte deste texto que empregariamos um conceito relativamente amplo de escrita, o qual abrangeria qualquer sistema de representação visual ou tátil da fala ou de complexos ideológicos que se sirva de convenções, usos, lógica e gramática estabelecidos de modo relativamente estrito, os quais garantiriam uma qualidade básica a qualquer escrita: a permanência e a reabilitação de significados relativamente bem determinados e socialmente compartilhados a partir da decodificação de seus registros.

Apresentaremos, nesta parte, alguns grupos de fontes mesoamericanas que se enquadram nesse conceito de escrita e tratam de modo central do passado de seus próprios produtores. Além disso, trataremos de um grupo de fontes andinas que também se encaixa nessa concepção de escrita, mas cujo possível conteúdo histórico de alguns registros é, ainda, motivo de muita polêmica. Procuraremos mostrar que tratar esses grupos de fontes como escritos não é uma questão de preferência terminológica, mas procurar estabelecer princípios e pressupostos que

ajudariam na análise de grupos de registros, tais como a existência de um sentido de leitura e de significados relativamente bem estabelecidos para suas unidades mínimas e a existência de situações sociais específicas de leitura.²²

Quipos andinos

Entre os sistemas andinos de codificação de informação que poderiam inscrever-se numa definição ampla de escrita, os quipos têm sido os “candidatos” mais cotados²³, principalmente pela precisão dos significados reabilitados na leitura e por uma série de referências oriundas de fontes coloniais.²⁴

Os modelos mais simples de quipos são formados por um cordão horizontal principal, ao longo do qual estão atados cordéis verticais secundários, de diferentes cores ou materiais, e nos estão diferentes tipos de nós em distintas posições, como podemos observar na **Figura 6**. Há cerca de seiscentos exemplares sobreviventes – muitos deles pré-hispânicos –, sendo que aproximadamente metade se encontra no Museum Für Völkerkunde, em Berlim, e outros cem no American Museum of Natural History, em Nova Iorque.²⁵

Até onde sabemos com segurança – e esta segurança advém principalmente do fato destes aparatos terem sido empregado pelo menos até as últimas décadas do século XX –, os quipos codificariam e permitiriam a reabilitação de dois tipos de informações entrecruzadas: 1 – quantidades, registradas por meio de nós de

22. Tratamos desse problema de modo mais detalhado em SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Calendário, cosmografia e cosmogonia nos códices e textos nahuas do século XVI*. Introdução e Capítulo I.

23. “El quipu podría ser considerado un sistema de escritura en el sentido más amplio de esa palabra: un determinado conjunto de señales visuales (o táctiles) ordenadas para contener significados.” URTON, Gary. *Quipu. Contar anudando en el imperio inka. Exposición julio 2003 – abril 2004*. Santiago: Museo Chileno de Arte Precolombino & Universidad de Harvard, 2003. p. 19.

24. Os *tocapus* também têm sido sondados por alguns estudiosos como parte de um sistema de codificação de mensagens reabilitadas com precisão. Consistem em *vestido de trabalhos preciosos*, usados pelos Incas e Coyas e formados principalmente por emblemas geométricos. A principal fonte que embasa essa proposta é a obra de Guamán Poma de Ayala, *Nueva Corónica y buen gobierno*, na qual se apresentam essas vestimentas com os tradicionais motivos geométricos, mas também com letras latinas e números hindu-arábicos, numa possível referência ao valor escriturário de tais motivos. Além disso, Guamán menciona, em meio aos textos relacionados às imagens dos *tocapus*, o sentido das fileiras e sua quantidade. Cf. GUAMÁN POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva Corónica y buen gobierno*. 3 volumes. Edição e prólogo Franklin Pease G. Y. Vocabulário e traduções Jan Szeminski. México: Fondo de Cultura Económica, 1993 (Sección de Obras de Historia). pp. ????

25. URTON, Gary. *Quipu. Contar anudando en el imperio inka. Exposición julio 2003 – abril 2004*. Santiago: Museo Chileno de Arte Precolombino & Universidad de Harvard, 2003. pp. ???

distintos tipos e em distintas posições nos cordéis secundários e seguindo o sistema decimal andino²⁶; 2 – categorias, distinguíveis nas diferentes cores ou materiais dos cordéis ou pelas distintas posições relativas em que estavam atados ao cordão principal.

No entanto, há uma grande quantidade de quipos mais complexos: com cordéis duplos, triplos, superiores, além das diversas cores e materiais e dos diferentes tipos de nós.²⁷ Muitos desses quipos, cerca de um terço do total dos conhecidos, não respondem aos princípios numérico-categóricos que mencionamos, o que contribui para a proposição que tal sistema também codificaria outros tipos de informação e serviria para o registro de narrativas.

Mas na verdade, o principal fundamento da hipótese que os quipos teriam uma dimensão narrativa são testemunhos coloniais.²⁸ Nesses testemunhos há referências que os quipos serviam de base para relatos que dependiam de uma tradição oral articulada.²⁹ Além disso, outros indícios poderiam apontar para a

26. Vale notar que nos Andes, diferentemente da Mesoamérica e da maioria da América Indígena, onde era utilizado o sistema numérico vigesimal, predominou o sistema decimal.

27. O maior quipo conhecido, do norte do Chile, tem 1.404 cordões de dados. Cf. SALOMON, Frank. Testimonies: The making and reading of native south american historical sources. In: *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1.* Editores Frank Salomon e Stuart Schwartz. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

28. Possibilidade investigada principalmente por: MURRA, John V. Las etnocategorías de un khipu estatal. In: LECHTMAN, Heather & SOLDI, Ana María (org). *La tecnología en el mundo andino. Tomo I: subsistencia y mensuración.* 2ª. edição. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1985, pp. 434-442. / URTON, Gary. *Quipu. Contar anudando en el imperio inka. Exposición julio 2003 – abril 2004.* Santiago: Museo Chileno de Arte Precolombino & Universidad de Harvard, 2003. / ASCHER, Marcia & ASCHER, Robert. El quipu como language visible. In: LECHTMAN, Heather & SOLDI, Ana María (org). *La tecnología en el mundo andino. Tomo I: subsistencia y mensuración.* 2ª. edição. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1985, pp. 407-432.

29. Alguns destes testemunhos constam na *Nueva corónica y buen gobierno*, de Guamán Poma. Nela, se afirma que os indígenas deveriam registrar seus pecados em quipos para relembra-los durante a confissão: “*Que los dichos padres del santo sacramento de la confición mande exsaminar su anima y consencia una semana el dicho penitente aunque sea español y el yndio haga quipo de sus pecados.*” Apud MONTOYA ROJAS, Rodrigo. Historia, memoria y olvido en los Andes quechuas. In: PORTELLA, Eduardo (diretor). *Revista Tempo Brasileiro - História: Memória e Esquecimento.* Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, nº. 135, pp. 157-180, outubro/dezembro de 1998. p. 175. Nessa mesma página, Rodrigo Montoya reproduz uma citação de Pérez Bocanegra, de 1631, que reafirmaria essa função dos *quipus*: “*Para este efecto les mandan vayan atando ñudos en sus hilos que llaman Caitu, y son los pecados que les enseñan, los cuales parecen: añadiendo y poniendo en sus nudos otros, que jamás cometieron, mandándoles, y enseñándoles, a que digan es pecado el que no lo es, y al contrario.*” “*...pues que en los cordeles supo tanto que me hiciera a fuerza en letra.*” Apud BROTHERSTON, Gordon. *La América indígena en su literatura: los libros del cuarto mundo.* tradução de Teresa Ortega Guerrero e Mónica Utrilla, México: FCE, 1997 (Sección de Obras de Historia). p. 118. O uso dos quipos como fonte de informação para os relatos compostos por Guamán Poma aparece em outros trechos da obra:

existência de outras dimensões de informação nos quipos, como a longa formação dos *quipucamayocs* incas, que duraria cerca de 4 anos em escolas especializadas em Cuzco, chamadas de *yacha huasi*, e a sua queima por religiosos e autoridades castelhanas no período colonial por conterem idolatrias.

De todas as formas, parece que esses testemunhos coloniais confirmariam pelo menos que, além de os cordéis estarem organizados para representar uma seqüência de categorias quantificadas – por exemplo, um número “x” de homens, batatas, lhamas, sandálias, cerâmicas, carvão, pescado e etc. –, estas também estavam distribuídas em uma outra seqüência cronológica, pois o *quipucamayocs* poderiam localizá-las no tempo – por exemplo, um número “x” de lhamas nascidas em tal época.³⁰

“...juzgando por temeraria mi intención, no hallando sujeto en mi facultad para acabarla conforme a la que se debía a unas historias sin escritura ninguna no más de por los quipos y memorias y relaciones de los indios antiguos de muy viejos y viejas, sabios, testigos de vista...” Cf. GUAMÁN POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva Corónica y buen gobierno*. 3 volumes. Edição e prólogo Franklin Pease G. Y. Vocabulário e traduções Jan Szeminski. México: Fondo de Cultura Económica, 1993 (Sección de Obras de Historia). pp. ????. Na obra de Guamán Poma, se mostra ainda que os *chasquis* – mensageiros no mundo inca – os levavam como “cartas” e, ainda, que foram usados pelo próprio autor como fontes de informação para compor seu relato. As ilustrações que retratam os *hatun chasqui* encontram-se nas páginas 350 e 811 da *Nueva corónica y buen gobierno*, que pode ser consultada em <http://www.kb.dk/elib/mss/poma>. As afirmações de Guamán Poma são reforçadas por outros testemunhos coloniais, entre os quais estão escritos pertencentes a pleitos judiciais, segundo os quais quipos teriam sido apresentados e lidos como provas. Por exemplo, os *quipucamayocs* aimarás teriam usado quipos em suas petições à administração colonial, recitando as genealogias. Cf. MURRA, John. As sociedades andinas anteriores a 1532. Uma série de outros testemunhos coloniais confirmam, ao menos, a complexidade de informações numéricas e categóricas dos quipos e a precisão de seus regitros: “Los yndios desta tierra tienen cuenta y razon de las cosas que dan a sus señores (...) por quipos que ellos llaman y todo lo que han dado de mucho tiempo atras lo tienen asimismo en sus quipos. E saue este testigo que los dichos sus quipos son muy ciertos e verdaderos porque este testigo muchas y diversas veces ha cotejado algunas cuentas que ha tenido con yndios de las cosas que le han dado e le han debido e les ha dado e ha hallado que los quipos que tienen los dichos yndios eran muy ciertos ...” Tal afirmação teria sido feita por Pedro de Alconchel em meio de um pleito judicial e foi publicada por Waldemar Espinoza Soriano em “Los huancas aliados de la conquista; tres informaciones inéditas sobre la participación indígena en la conquista del Perú, 1558, 1560 y 1561”. In *Anales Científicos de la Universidad del Centro 1*. Huancayo, 1971, 1972. Apud MURRA, John V. Las etnecategorías de un khipu estatal. In: LECHTMAN, Heather & SOLDI, Ana María (org). *La tecnología en el mundo andino*. Tomo I: subsistencia y mensuración. 2ª. edição. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1985, p. 433.

30. Frank Salomon menciona o pleito dos senhores de Hatun Xauxa à *Audiencia de Los Reyes*, em 1561, para recuperar os bens dados e os serviços prestados como aliados às forças de Pizarro. Tudo teria sido registrado e lido 25 anos depois para ser cobrado, até a última perdiz e par de sandálias empregados ao longo das lutas. Cf. SALOMON, Frank. Testimonies: The making and reading of native south american historical sources. In: *The Cambridge history of the native peoples of the Americas*. Volume III. South America. Part 1. Editores Frank Salomon e Stuart Schwartz. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 23. É claro que o assunto é objeto de polêmica e alguns dos mais respeitados conhecedores das fontes históricas andinas não aceitam essa hipótese. Entre eles,

No entanto, mesmo que se aceite que os quipos conteriam outros tipos de informação além das numéricas e categóricas, como informações históricas, é muito difícil para os estudiosos atuais as decodificarem, pois existem dois obstáculos que dificilmente serão superados. Por um lado, não há nenhum exemplar com esses outros tipos de informação acompanhado por uma “tradução”; por outro, mesmo que esse “texto com tradução” venha a ser encontrado, talvez as codificações das informações não numéricas ou categóricas seguissem padrões variados segundo as inúmeras regiões ou “escolas” de *quipucamayocs* andinas.

Estamos, no caso dos quipos, *tocapus*, *ceques* e *huacas*³¹, ao que parece, diante de tipos de registro ou escrita tão distintos da alfabética que os religiosos ou autoridades castelhanas não tiveram interesse em “traduzi-las”, como ocorreu na Mesoamérica com a escrita pictográfica. As duas tradições de escrita e pensamento histórico – a cristã e as andinas, – eram tão diferentes e irredutíveis que as “traduções” eram virtualmente impossíveis.³²

Em suma, no caso dos quipos temos possíveis fontes *históricas pré-hispânicas de leitura estrita*, caso seja correta a hipótese desses aparatos registrarem informações sobre narrativas acerca do passado. No entanto, não entendemos o sistema a ponto de poder decodificar esse tipo de informação, o que nos dispensa

Franklin Pease. Para ele, “...es sabido que los mismos (os *quipucamayocs*, especialistas no confecção e leitura dos quipos) se dedicaban a reunir y procesar información cuantitativa, no historias, relatos, leyendas o textos literarios.” PEASE G. Y., Franklin. *Las crónicas y los Andes*. Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú & México, Fondo de Cultura Económica, 1995. p. 23. (parêntese meu). Para Pease, apesar dos testemunhos coloniais, não possuímos nenhuma “leitura”, “tradução” ou versão colonial reconhecida e aceita dos supostos conteúdos não-numéricos dos quipos.

31. Os *ceques* eram linhas ou caminhos demarcados na paisagem por meio das *huacas*, algo material que manifesta o “que não se vê”, que possui um caráter de excepcional. Poderiam ser pessoas vivas ou mortas (*mallquis*), marcas de fronteiras (*saywa*) ou nos caminhos (como os *apacita*, pilhas de pedras que sinalizavam pontos críticos e onde os passantes paravam, faziam orações e oferendas de coca, sandálias rotas ou simplesmente de outra pedra). Muitas das *huacas* se relacionavam com os antepassados e diante delas eram recitados discursos em sua homenagem. Dessa forma, os *ceques* e as *huacas* eram um meio de se fixar ou relacionar a lembrança dos antepassados, e dos acontecimentos a eles vinculados, com a geografia local. Ao longo dos *ceques* eram proferidos discursos e encenados episódios sobre o passado.

32. Cf. SALOMON, Frank. Testimonies: The making and reading of native south american historical sources. In: *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Editores Frank Salomon e Stuart Schwartz. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

de tratar outros tipos de problemas, como o desconhecimento do contexto de produção e uso dos quipos que hoje estão em museus ou coleções particulares. Um panorama bem diferente cerca os escritos pictográficos mesoamericanos pré-hispânicos, como veremos a seguir.

Escritos pictográficos mesoamericanos

A produção de escritos que combinavam glifos fonéticos, logográficos e ideográficos com pinturas foi realizada por mais de dois mil anos na Mesoamérica. Os escritos pictográficos eram produzidos sobre suportes materiais variados, tais como madeira, cerâmica, osso, pedra, estuque, tecido, pele animal e papel, produzido a partir da casca da figueira (papel *amate*), da fibra do agave (papel *maguey*) ou ainda de uma palma chamada *iczotl*. Tais escritos serviram a distintos objetivos e usos ao longo da história mesoamericana e entre seus principais temas estavam a cosmogonia, a história grupal, os feitos das elites dirigentes e suas linhagens, as guerras, conquistas e fundações de cidades, os prognósticos, as oferendas e os tributos.

Grande parte desses escritos, como vimos na primeira parte do artigo, trata de maneira central do passado de seus próprios produtores e usuários, principalmente nos seguintes grupos de fontes, onde se articulam com representações figurativas de leitura ampla: 1 - estelas olmecas e zapotecas; 2 - pinturas murais de Teotihuacan; 3 - pinturas murais, relevos em pedra, painéis em gesso e pinturas em cerâmica maias; 4 - murais, relevos e gravados toltecas e tolteco-chichimecas.

Não iremos tratar das representações escritas destes grupos de fontes históricas nativas nesta segunda parte, especialmente porque alguns dos principais problemas relacionados ao seu entendimento e interpretação são os mesmos que enunciamos ao tratar de suas representações figurativas: 1 - desconhecimento do contexto de produção e uso de muitos desses registros; 2 - tendência a universalizar ou essencializar os significados de determinadas representações, sejam figurativas ou escritas; 3 - projeção retrospectiva de informações mais recentes ou oriundas do primeiro século do contato a períodos

muito anteriores. Além desses problemas gerais, mencionamos também a pequena compreensão que temos dos sistemas de escrita olmeca, zapoteca e teotihuacano, que, logicamente compromete o entendimento básico tanto de suas próprias mensagens quanto das representações figurativas a elas associadas.

Entretanto, há outros problemas relacionados com o entendimento dessas mensagens e sua articulação com tais representações. Iremos tratar de alguns deles nesta e na próxima parte do texto, ao apresentarmos um importante conjunto de explicações históricas nativas produzidas na Mesoamérica: as histórias contidas nos códices mixteco-nahuas pré-hispânicos e coloniais.

Os códices mixteco-nahuas são parte de um conjunto maior de escritos, chamados atualmente de códices mesoamericanos. Trata-se de escritos pictográficos produzidos sobre tecido, pele animal ou papel e que, em geral, eram enrolados como pergaminhos ou dobrados como biombos, sobretudo no caso dos confeccionados com papel ou pele. Eram chamados de *amoxtli* na língua nahuatl, termo que significa *papéis colados* ou *adereçados*³³ e que no século XVI foi traduzido como *livro* pelos castelhanos.³⁴ Uma das características pictóricas mais notória desses manuscritos é a presença de linhas de contorno grossas e negras, que formavam glifos e imagens cujas partes eram pintadas de cores distintas porém uniformes, isto é, sem sombreamento.

O número total de códices mesoamericanos é desconhecido, pois apenas parte deles encontra-se relacionada em levantamentos, nos quais constam cerca de uma dúzia de manuscritos pré-hispânicos e mais de cinco centenas de coloniais.³⁵

33. Cf. LEÓN PORTILLA, Miguel. *El destino de la palabra: de la oralidad y los códices mesoamericanos a la escritura alfabética*. México: El Colegio Nacional & Fondo de Cultura Económica, 1997, p. 21.

34. Cf. MOLINA, Alonso de. *Vocabulario en lengua castellana y mexicana y mexicana y castellana*. Estudo preliminar Miguel León Portilla. 4a. edição, México: Editorial Porrúa, 2001, p. 5v.

35. São considerados como pré-hispânicos os códices *Borgia*, *Cospi*, *Fejérváry-Mayer*, *Laud* e *Vaticano B*, que formam o grupo *Borgia*, e os códices *Becker n.º 1*, *Bodley*, *Colombino*, *Zouche-Nuttall* e *Vindobonense*, que formam o Grupo *Nuttall*. Todos esses manuscritos procedem da região de Cholula, Tlaxcala e oeste de Oaxaca, da qual procedem também o *Códice Selden*, parte do grupo *Nuttall*, mas cuja datação é controversa. Do altiplano central mexicano provêm os códices *Borbónico* e *Aubin*, dois manuscritos de formato, estilo e características tradicionais, mas cuja datação também é controversa. Os manuscritos produzidos em todas essas regiões, apesar da existência de diversas línguas, serviam-se de um mesmo sistema escriturário, relativamente distinto do maia e chamado de mixteco-nahua. Da região maia procedem mais três códices pré-hispânicos: o *Dresde*, o *Paris* e o *Madrid*, formado pelos códices *Cortesiano* e *Troano* e, por isso, chamado também de *Tro-cortesiano*. O principal levantamento desses manuscritos encontra-se em GLASS, John B. *A survey of native*

Entre todos esses manuscritos, é possível distinguir tipos de livros que versam sobre temas distintos e se organizam internamente de maneiras diferentes – algumas dessas diferenças repousam no uso central dos distintos ciclos temporais que compunham o sistema calendário³⁶ mesoamericano. Alguns dos principais tipos são o *xiuhamatl* (*livro da conta dos anos*), o *tonalamatl* (*livro da conta dos dias e do destino*), o *tlacamecayoamatl* (*livro de linhagens*) e o *teoamatl* (*livro sobre os deuses*).

Embora todos esses manuscritos forneçam informações sobre a história dos povos mesoamericanos, nos interessam nesta ocasião aqueles que se constituem como explicações do próprio passado, isto é, principalmente os *tlacamecayoamatl* e os *xiuhamatl*. O *xiuhamatl*, que se organizava com base na conta dos anos de 365 dias, era utilizado para registrar as histórias grupais, tidas como posse das linhagens dirigentes e que, assim, funcionavam como fundamento de sua posição de destaque social. Os *tlacamecayoamatl*, mais comuns na região mixteca e na época colonial, narram as origens e ramificações de certas linhagens, o que também é feito, por vezes, com apoio da conta dos anos. Trata-se, portanto, de formas de organização e temáticas muito próximas, tornando a distinção entre esses tipos de livros polêmica e aparentemente sem grandes utilidades analíticas.

No caso dos poucos manuscritos pré-hispânicos, os únicos *xiuhamatl* e *tlacamecayoamatl* sobreviventes são procedentes da região de Oaxaca e foram confeccionados no período Pós-clássico (900 – 1521). Esses manuscritos constituem o grupo Nuttall, formado pelos códices *Becker n.º. 1*, *Bodley*, *Colombino*, *Zouche-Nuttall* e *Vindobonense*. Em todos eles, a temática central é as linhagens dirigentes – ou *pipiltin* – da região mixteca e suas realizações e conquistas de outros *altepetl*.³⁷ Em alguns deles, como no *Zouche-Nuttall* e no *Vindobonense*, a conta dos anos é parte fundamental da organização da narrativa, pois mesmo que não estejam registrados em seqüências completas e ininterruptas – como ocorre nos *xiuhamatl* nahuas coloniais –, os anos são marcados à medida que a narrativa os exige e sua

Middle American pictorial manuscripts. In: WAUCHOPE, Robert (editor geral) & CLINE, Howard F. (editor do volume). *Handbook of Middle American Indians*. vol. 14. Austin e Londres: University of Texas Press, 1975.

36. Na língua portuguesa a palavra *calendário* e suas variações de gênero e número podem ser substantivos ou adjetivos (Vocabulário ortográfico da língua portuguesa 1999: 130)

37. Termo nahuatl que pode ser traduzidos por *cidade* ou *entidade política independente*.

presença é o princípio básico que torna essas representações figurativas e escritas inteligíveis, pois lhes dá a dimensão de diacronicidade.³⁸

Sendo assim, por meio dessas histórias nativas pictográficas é possível obter uma série de informações precisas, sobretudo no que diz respeito aos nomes das personagens, às datas e aos locais mencionados, pois esses três tipos de informação derivam dos três conjuntos de glifos mais bem entendidos pelos estudiosos do sistema pictográfico mixteco-nahua: os glifos antroponímicos, calendários e toponímicos, expressos por meio signos fonéticos ou ideográficos. Entretanto, o entendimento de grande parte dos outros glifos e elementos figurativos que compõem as páginas desses códices ainda está sujeita a grandes polêmicas. A principal delas diz respeito aos limites entre os glifos e os elementos figurativos. Em outras palavras, além das três categorias de glifos mencionadas, quais outros elementos seriam glifos – e de que tipo – sujeitos a uma leitura mais estrita e quais seriam figuras sujeitas a uma leitura mais ampla? Essa discussão se insere numa polêmica ainda maior: o sistema mixteco-nahua é uma escrita?

Alguns estudiosos defendem que “verdadeiras” escritas mesoamericanas teriam existido apenas na porção oriental da Mesoamérica, com os olmecas e principalmente com os maias, por se tratar de sistemas em que os glifos fonéticos são predominantes em relação aos ideográficos e às figuras.³⁹ Esses sistemas diferenciam-se parcialmente do utilizado na porção ocidental, isto é, na região zapoteca – que depois passou ao predomínio político mixteco – e no centro do México, no qual os glifos fonéticos não são predominantes. Parece-nos que esta postura preconiza uma visão polar entre escrita e oralidade ao pressupor que uma “verdadeira escrita” deva grafar uma língua em específico. Pensamos que as

38. Elizabeth Hill Boone não considera esses livros mixtecos como anais e os agrupa sobre a categoria de *res gestae* por possuírem como temática central as dinastias e seus feitos. Cf. BOONE, Elizabeth Hill. Manuscript painting in service of imperial ideology. In: BERDAN, Francis e outros. *Aztec imperial strategies*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 1996. pp. 181-206. No entanto, tal categorização pode ser uma complicação desnecessária e, além disso, mascarar o princípio básico de leitura dessas histórias, as quais possuem claramente a conta dos anos como coluna vertebral e que, por isso, poderiam ser incluídas na categoria já existente de *xiuhamatl*.

39. Além dos distintos sistemas de escrita, essa divisão entre oriente e ocidente da Mesoamérica também se marcaria por diferentes sistemas numéricos, respectivamente o posicional maia e o figurativo mixteco-nahua. Cf. LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. *La construcción de una visión de mundo*. curso de pós-graduação no IIA da UNAM – setembro de 2002 a janeiro de 2003.

relações entre escrita e oralidade são muito mais complexas, pois nenhuma escrita é capaz de grafar totalmente uma fala e que, portanto, todas dependem, em algum grau, de uma tradição oral conjunta.⁴⁰

Essa utilização das escritas fonéticas como modelos dos “verdadeiros sistemas” têm produzido posturas analíticas radicais e, em meu entender, equivocadas diante dos escritos mixteco-nahuas e, também dos maias. Talvez até com a intenção de combater a subvalorização à qual os sistemas de escrita mesoamericanos têm sido submetidos, alguns estudiosos têm assumido como pressuposto que todos os elementos presentes no sistema maia ou mixteco-nahua são estritamente fonéticos, o que termina por reforçar o juízo que um sistema visual de registro é uma “verdadeira escrita” somente quando se configura como a grafia de uma língua. É o chamado foneticismo, que atinge principalmente os estudos dos escritos maias e manifesta-se como a tendência de tentar entender tais escritos focalizando apenas seus elementos fonéticos, “...ignorando qualquer mensagem visual que pudesse estar sendo transmitida.”⁴¹

40. DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução Mirian Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro, São Paulo: Perspectiva & Editora da Universidade de São Paulo, 1973 (Estudos, n.º 16).

41. BROTHERSTON, Gordon. Traduzindo a linguagem visível da escrita. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH da Universidade de São Paulo, n.º 4, pp. 78-91, 1999. (anual, 1996 -). p. 79. No caso do sistema mixteco-nahua, seu entendimento equivocado como um rébus que notaria a expressão verbal remonta ao último quarto do século XVI e aos trabalhos de alguns religiosos franciscanos que, desde então, promoveram a produção dos chamados *Códices Testerianos*. Nesses manuscritos, orações e outros textos cristãos em nahuatl teriam sido grafados somente por meio de representações visuais de elementos cuja combinação dos nomes se assemelharia às palavras das tais orações e textos. Suas confecções partiram, assim, de uma premissa equivocada, pois as tradições nativas não grafavam, predominantemente, a fala por meio de glifos com valores exclusivamente fonéticos – o que não significa dizer que tal recurso não fora utilizado pelas tradições de escrita locais. A adoção dessa tentativa franciscana estaria muito mais relacionada com as decisões do Concílio de Trento, realizado em 1564, entre as quais estaria o decreto da legitimidade e eficácia do uso das imagens para a evangelização. Tais resoluções são implantadas na Nova Espanha em fins do século XVI. Além disso, a obra do frei Valdés de 1579, *Rethorica christiana*, testemunharia a autoria franciscana do projeto que produziu esses escritos. Cf. BOONE, Elizabeth Hill. Pictorial documents and visual thinking in Postconquest Mexico. In: BOONE, Elizabeth Hill & CUMMINS, Tom (editores). *Native traditions in the postconquest world. A symposium at Dumbarton Oaks – 2nd through 4th October 1992*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 1998. pp. 149-199. No entanto, o uso de glifos fonéticos no sistema mixteco-nahua não se dava como em uma escrita rébus, visto que os glifos silábicos eram, preponderantemente, empregados na forma de prefixos ou sufixos – como o de *tetl* (*pedra*) para *te* (*alguém* ou *alguns*) e o de *pantli* (*bandeira*) para *pan* (*em cima*) – ou para representar sons – como *acatl* (*cana*) para o som da letra “a”, *etl* (*feijão*) para o da letra “e” e *otli* (*caminho*) para o som da letra “o”. ALCINA FRANCH, José. *Códices mexicanos*. Madri: Editorial Mapfre, 1992 (Colección Lenguas y Literaturas Indígenas / Colecciones Mapfre 1992).

Alguns estudiosos também têm desenvolvido trabalhos nessa direção com os códices nahuas, ou seja, aplicando o pressuposto que todos os elementos neles contidos são fonéticos, pois esse sistema de escrita teria servido para fixar e transcrever a língua nahuatl.⁴² Tal postura, sobretudo no caso dos escritos mixteco-nahuas, parece reduzir as enormes e pouco investigadas potencialidades dos sistemas ideográfico-fonéticos à camisa de força da suposta superioridade do foneticismo. Além disso, é de difícil sustentação que o sistema mixteco-nahua seja totalmente, ou mesmo predominantemente, fonético, pois é mais ou menos consensual que combinava glifos fonéticos com ideográficos – estes em maior proporção – e ambos com representações figurativas.

Fugindo a essas posições extremas – “verdadeiras” *versus* “falsas escritas” –, vários outros pesquisadores tratam as inscrições mixteco-nahuas como produtos de uma escrita particular, com suas próprias limitações e vantagens.⁴³ Partindo de uma concepção mais ampla de escrita e entendendo que as diferenciações entre os sistemas relacionam-se mais com preferências de ordem visual, propósitos políticos ou usos sociais do que com necessidades fonéticas ou lingüísticas intrínsecas e universais⁴⁴, tais estudiosos procuram compreender a gramática, semântica e lógica próprias desses registros pictoglíficos, interpretando suas partes dentro de um todo maior formado pelo texto e pelo próprio sistema. Dessa forma, analisam as técnicas de transmissão oral e de escrita indígena de modo

42. Joaquín Galarza era um dos principais defensores dessa proposição. Elaborou um catálogo ou dicionário de glifos para os manuscritos testerianos a partir de um manuscrito que registra a oração do Pai Nosso e que, supostamente, permite a leitura de outros manuscritos desse grupo. Galarza e seu grupo de estudos também trabalharam num catálogo-dicionário que serviria para os códices nahuas em geral, no qual todas as imagens devem ser lidas foneticamente. Cf. GALARZA, Joaquín. Códices o manuscritos testerianos. In: *Arqueología Mexicana. Códices coloniales*. (direção científica Joaquín García-Bárcena e outros), México: Editorial Raíces & INAH & CONACULTA, vol. VII, n.º. 38, p. 34-37, 1999. / *In amoxtli in tlacatl – el libro, el hombre. Códices y vivencias*. México: Tava Editorial, 1992 (Colección Códices Mesoamericanos).

43. Entre essas vantagens, estaria, por exemplo, o fato de falantes de diversas línguas, como o nahuatl, otomie, totonaco, cuicateco, chocho, mixteco, zapoteco e tlapaneco, poderem compartilhar um mesmo sistema. Elizabeth Hill Boone chama esse segundo tipo de *escrita semasiográfica*, isto é, que representa visualmente a sistemas discursivos. Propõe que uma definição mais ampla de escrita deva envolver não só os manuscritos do México Central e de Oaxaca, mas também os quipos andinos. Cf. BOONE, Elizabeth Hill. *Stories in red and black – pictorial histories of the Aztecs and Mixtecs*. Austin: University of Texas Press, 2000.

44. Cf. BROTHERSTON, Gordon. Traduzindo a linguagem visível da escrita. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH da Universidade de São Paulo, n.º 4, pp. 78-91, 1999. (anual, 1996 –).

positivo, isto é, procurando compreender suas capacidades e recursos específicos; utilizados para discursos socialmente estabelecidos dentro de marcos institucionais que definiam seu funcionamento e seus objetivos.⁴⁵

Essa postura analítica vem produzindo resultados consistentes no estudo dos manuscritos mixteco-nahuas, sobretudo quando utiliza a comparação entre os diversos tipos de escritos – códices pré-hispânicos, códices coloniais e textos alfabéticos –, mostrando a possibilidade de um manuscrito esclarecer a outro e apontando para o acerto metodológico de se analisar as imagens de maneira contextualizada, isto é, como entidades que significam dentro de um texto que se serve de codificações bem estabelecidas.⁴⁶ Entre tais resultados podemos mencionar os obtidos pelos estudos dos códices do grupo Nuttall sobre o reino as linhagens e história mixtecas,⁴⁷ sobre a migração mexicana⁴⁸ ou sobre os povos chichimecas⁴⁹, além dos inumeráveis estudos sobre os códices e estelas maias. Além disso, a possibilidade de que os estudos com as fontes pictográficas possam

45. Cf. NAVARRETE LINARES, Federico. *Las fuentes indígenas: más allá de la dicotomía entre historia y mito*. www.ceveh.com.br/biblioteca/artigos/FN-P-A-historiaymito.html - consultado em 09.12.2000

46. Entretanto, ainda há muitos estudiosos que negam terminantemente a possibilidade de estudo dos povos mesoamericanos por meio de seus próprios escritos, sobretudo dos pictográficos: “As inscrições mesoamericanas, por mais sofisticadas que sejam, não foram inteiramente decifradas e são de pouca valia para empreender uma reconstituição histórica.” Em decorrência dessa postura, previamente negativa, só nos restaria recorrer aos textos alfabéticos e, preferencialmente, aos produzidos pelos europeus: “Tudo o que sabemos sobre as civilizações antigas procede, desta forma, dos conquistadores europeus.” BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo. Da descoberta à conquista uma experiência européia (1492 – 1550)*. Tradução Cristina Muracho, São Paulo: Edusp, 1997. p. 16. Michel Graulich parece concordar com essa posição, pois em um de seus mais importantes estudos afirma que a obra de Sahagún é a mais completa para se estudar o mundo mesoamericano e que outras fontes, como o *Vaticano A*, o *Borbónico* e o *Magliabechiano* são pobres: “Si cito el Códice borbónico en último lugar es porque, como todo códice prehispánico, no es inteligible más [que] a la luz de las informaciones provenientes de las fuentes escritas.” A expressão entre colchetes foi inserida por mim. GRAULICH, Michel. *Mitos y rituales del México antiguo*. tradução Angel Barral Gómez. Madrid: Ediciones Istmo & Colegio Universitario, 1990 (Artes, Técnicas y Humanidades, nº. 8). p. 310. Procuraremos mostrar que o *Códice borbónico* possui elementos que não são esclarecidos pela leitura das fontes alfabéticas, como sua estrutura e gramática interna, e que podem ser estudados em comparação com outros documentos pictográficos.

47. Por exemplo: CASO, Alfonso. *Reyes y reinos de la mixteca*. 2ª. reimpressão, México: Fondo de Cultura Económica, 1992. / JANSEN, Maarten. Un viaje a la casa del sol. In: *Arqueología Mexicana. Códices prehispánicos*. direção científica Joaquín García-Bárcena e outros, México: Editorial Raíces & INAH & CONACULTA, vol. IV, nº. 23, pp. 44-49, 1997.

48. Por exemplo, NAVARRETE LINARES, Federico. *Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de México*. Tese de doutoramento. (orientador Alfredo López Austin). México – DF: Facultad de Filosofía y Letras – UNAM, 2000.

49. Por exemplo, BROTHERTON, Gordon. *Grupos Chichimecas*. Curso de extensão universitária no IIA da UNAM, 18 a 22 de novembro de 2002.

juntar-se aos estudos das representações em monumentos e em peças arqueológicas, ou ainda aos estudos etnográficos, abre toda uma nova série de possibilidades de pesquisa ainda por se realizar.⁵⁰

III – Fontes históricas nativas coloniais em textos alfabéticos ou pictográficos

Esse grupo pode ser definido como formado pelos textos pictográficos, alfabéticos ou híbridos produzidos em tempos coloniais por membros das sociedades nativas – ou influenciados por eles de maneira vigorosa – e que tratam centralmente de estabelecer uma explicação sobre o passado. Entre os grupos que temos tratado, é seguramente o mais amplo e heterogêneo. Apesar de possuir a temática histórica em comum, os componentes desse grupo constituem-se por escritos tão diversos quanto: códices pictográficos tradicionais produzidos depois da chegada dos europeus; códices encomendados por ou confeccionados sob a direção de autoridades civis e religiosas castelhanas, os quais, em geral, são pictográficos com glosas ou textos alfabéticos explicativos; textos alfabéticos em línguas nativas que “transcrevem” códices, quipos ou depoimentos e que foram produzidos diretamente ou com o auxílio de membros das sociedades locais; textos em castelhano ou outra língua européia que “reproduzem” explicações nativas; além de escritos de caráter mais legal e arquivístico que também apresentem versões indígenas sobre o passado, tais como livros paroquiais, petições de revisão de privilégios, pleitos judiciais e outros documentos.

Andinos

Há várias formas de agrupar as fontes históricas nativas andinas produzidas em tempos coloniais: segunda a época de produção, a região de

50. Em outra ocasião, fizemos um balanço das maneiras como os manuscritos mixteco-nahuas vêm sendo empregados pelos estudiosos. Cf. SANTOS, Eduardo Natalino dos. Usos historiográficos dos códices mixteco-nahuas. In: *Revista de História. Departamento de História, FFLCH-USP*. São Paulo: Humanitas & FFLCH-USP, n.º. 153, pp. 69-115, segundo semestre de 2005.

origem, o status étnico-social de seu autor e o tipo ou função do escrito, entre outros critérios.

Um dos mais conhecidos levantamentos dos escritos históricos coloniais andinos foi feito por Franklin Pease na obra *Las crónicas y los Andes*. Esse autor trata tanto dos escritos produzidos por membros das sociedades andinas quanto dos confeccionados por castelhanos e outros europeus sobre elas. Também não se restringe aos escritos que possuem a história nativa como temática central. Pease organiza a apresentação dos escritos em blocos cronológicos, que se marcariam pelas diferenças de contextos políticos existentes na região dos Andes Centrais ao longo dos séculos XVI e XVII.

Essa forma de agrupar tais escritos revela uma importante preocupação do autor que, desse modo, é compartilhada com os outros estudiosos: a leitura e análise desses relatos não devem subestimar o rol de demandas e horizontes políticos que estavam em jogo em cada um desses momentos históricos, conformados por forças oriundas das sociedades nativas e do mundo cristão e castelhano.⁵¹ Em outras palavras, tais obras devem ser entendidas com produções que refletem as tensões oriundas das transformações radicais pelas quais passam os Andes Centrais entre fins do século XVI e todo o século XVII.⁵²

51. Os conjuntos de textos propostos e alguns de seus componentes são: 1 – primeiros relatos, caracterizados por focalizarem centralmente a conquista e as dificuldades nos contatos e traduções; composto por *Verdadera relación de la conquista del Perú*, de Francisco López de Xerez (1534), e *Noticia del Perú* de Miguel Estete; 2 – crônicas produzidas entre 1540 e 1570, caracterizadas por serem mais minuciosas e pelas aproximações aos incas e sua cultura, inclusive com a participação de indígenas bilingües, de informações provenientes de *quipucamayocs* e de espanhóis que falavam quíchua; composto por *Informaciones* (ou *crônica dos mestres do quipo*, de 1542) de Cristóbal Vaca del Castro, *Crónica del Perú*, Pedro de Cieza León, *Suma y narración de los incas* de Juan Diez de Betanzos, dicionário e gramática quíchua de Domingos de Santo Tomás e obras de burocratas, como Juan de Matienzo e Polo de Ondegardo; 3 – escritos da década de Francisco de Toledo (anos 1570), caracterizados pelas influências desse vice-rei; composto por *Instrucción del Ynga don Diego de Castro Titu Cusi Yupanqui*, de Titu Cusi Yupanqui, e levantamentos de informações como os de Sarmiento de Gamboa; 4 – escritos produzidos entre os dois séculos (XVI e XVII), caracterizados pelos trabalhos missionários e pela extirpação de idolatrias; composto por *Nueva corónica y buen gobierno*, de Felipe Guamán Poma de Ayala (1615), *Relación de antigüedades deste reino del Pirú*, de Juan de Santa Cruz Pachacuti Yanqui Salcamaygua (antes de 1613), *Comentarios reales*, de Garcilaso de la Vega (1609), e o *Manuscrito de Huarochirí*, compilado por Francisco de Ávila.

52. Ao analisarmos escritos como os de Guamán Poma de Ayala e Joan de Santa Cruz, por exemplo, é fundamental levarmos em conta que eles são nobres nativos que aprenderam, sob influência monástica, a escrever em castelhano e quíchua. Também, que fazem apologia da dinastia local com raízes pré-incas num contexto do rebaixamento pós-toledano das elites locais, e combinam a história local com uma “história universal”, fazendo críticas aos reinos cristãos. Não se

Esse problema, aparentemente simples e superado, ainda se faz presente em diversas análises e estudos desses relatos. Em alguns casos, por se prenderem exclusivamente aos dados e informações internos à obra e, em outros, por apenas citarem seus contextos de produção e uso, sem, no entanto, levar em contas as implicações desses contextos no momento de fazer as inferências a partir do texto.

Um outro e mais recente levantamento dos escritos históricos coloniais andinos foi produzido por Frank Salomon e intitula-se *Testimonies: The making and reading of native south american historical sources*. Esse levantamento se difere do proposto por Pease por ter como meta principal tratar das fontes nativas que apresentam versões do passado e, desse modo, não inclui os relatos europeus sobre a conquista – a não ser os casos que “reproduzem” relatos ou informações históricas de origem indígenas – e incorpora fontes de caráter mais aquivístico ou legal. Além disso, propõe uma agrupação dos escritos pautada mais no tipo de ambiente ou de produtor do escrito do que na cronologia.

O primeiro grupo de fontes é composto pelos testemunhos orais incorporados em crônicas ibéricas, ou seja, por relatos oriundos de contatos com a nobreza inca antes mesmo da vitória. São, nas palavras do autor, histórias indígenas emolduradas pelo tema da vitória castelhana. Dele fazem parte as obras de Juan de Betanzos e Cieza de León, além dos escritos dos oficiais de Toledo, como Juan de Matienzo e Juan Polo de Ondegardo.

O segundo grupo é formado pelos escritos produzidos pelo governo civil, nos quais constam muitos testemunhos nativos. Trata-se de uma massa documental gerada pela burocracia civil, tais como cartas de líderes nativos, demandas e processos judiciais e pedidos de nobilitação, além das *relaciones geográficas*.

trata, portanto, de cronistas nativos fossilizados, mas de vozes marginais em relação a um *establishment* rico em literatura em quíchua geral e que produzirá sermões barrocos e poesia devocional em quíchua, as quais desempenharão um papel fundamental na construção da idealização de uma “nação” inca muito precoce, que marcará a produção de escritos a partir da segunda metade do século XVIII. Mostra disso é que em 1667, em Quito, há um movimento anti-colonial que apresenta pinturas genealógicas que ligava a nobreza local aos incas. Cf. SALOMON, Frank. *Testimonies: The making and reading of native south american historical sources*. In: *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Editores Frank Salomon e Stuart Schwartz. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

O terceiro grupo é composto por escritos relacionados à Igreja, muitos dos quais também contêm testemunhos nativos. Esse grupo compensaria a pouca atenção dos funcionários estatais às crenças e simbolismos nativos, além de cobrir regiões distantes dos grandes centros dos Andes Centrais. Dele, fazem parte os escritos oriundos do interesse missionário pela eliminação da idolatria, sobretudo a partir de meados dos anos 1560, tais como os textos que contêm depoimentos dos participantes do movimento Taki Onqoy, o *Manuscrito de Huarochirí* e os relatos das *visitas*⁵³ e dos extirpadores de idolatria por todo o século XVII, além das cartas anuais dos jesuítas, os registros de campo, os catecismos, os vocabulários, as biografias, os papéis sobre disputas entre ordens e outros.

O último conjunto é composto por relatos produzidos, ou fortemente influenciados, por autores nativos e que retrataria a curta produção de uma historiografia nativa dissidente, que pretendia explicar a Europa dentro da história indígena. Esse conjunto caracteriza-se tanto pela utilização de conceitos oriundos do mundo andino quanto pela incorporação de conceitos cristãos – como a idolatria – e de formas literárias e historiográficas européias. Desse grupo fariam parte as obras de Titu Cussi Yupanqui (*Ynstruccion del Ynga*, 1570), de Garcilaso de la Vega (*Comentarios reales*, 1609), de Blas Valera (*Costumbres antiguas del Perú*, final do século XVI?), de Diego Lobato de Sosa (manuscrito ainda não encontrado), de Guamán Poma de Ayala (*Nueva corónica y buen gobierno*, 1615) e de Joan de Santa Cruz Pachacuti Yamqui Salcamaygua (*Relación de Antigüedades deste reyno del Piru* antes de 1613).

Todos esses quatro grupos, sobretudo o último, se encaixam de modo mais ou menos integral no conjunto que estamos chamando de *fontes históricas nativas coloniais em textos alfabéticos*. Em todo esse conjunto de escritos andinos, não temos, aparentemente, grandes problemas de entendimento de suas mensagens, pois sua reabilitação estaria supostamente garantida pelo uso da escrita alfabética – embora iremos ver que essa pressuposição possa ser enganosa e algumas dessas fontes

53. Por exemplo: *Visita de la provincia de León de Huánuco en 1562. Iñigo Ortiz de Zúñiga, visitador. Tomo I. Visita de las cuatro waranqa de los chupachu*. Edição de John V. Murra. Ensaios de Robert McK. Bird e outros. Paleografia de Domingo Angulo e outros. Huánuco: Universidad Nacional Hermilio Valdizan – Facultad de Letras y Educación, 1967 (Documentos para la Historia y Etnología de Huánuco y la Selva Central, tomo I).

apresentam textos figurativos em paralelo com os alfabéticos, como ocorre nos casos das obras Guamán Poma e de Santa Cruz Pachacuti.

Apesar dessa relativa facilidade de entendimento inicial, há uma série de problemas relacionados à interpretação desses textos, além do que já mencionamos antes, ao citar a obra de Franklin Pease.

Um desses problemas é a pouca atenção às profundas transformações no trasvase de sistemas de registro ou oralidade para o texto alfabético e de gêneros de explicação nativos para gêneros não-nativos. Esse problema é de difícil solução, pois, como mencionamos antes, não temos versões pré-hispânicas andinas da história ou não compreendemos em profundidade seus registros sobreviventes. Mesmo assim, podemos supor com certa segurança que a transposição de relatos mantidos oralmente – pelas *panaças* incas, por exemplo – e que eram declamados em ocasiões solenes ou em encenações públicas é mais um processo de recriação de uma versão sobre o passado – cujas componentes coloniais não devem, portanto, ser subestimadas – do que uma transcrição.

Outro grande problema é a dificuldade de compreendermos de forma profunda as concepções andinas de tempo, espaço, transformação, ancestralidade e outras, contidas em conceitos que possuem funções explicativas centrais em grande parte dessas histórias nativas coloniais, tais como *hanan*, *hurín*, *runa*, *pachacuti*, *huaca*, *malqui* e outros.

Mesoamericanos

As histórias nativas mesoamericanas coloniais fazem parte de um grande conjunto de manuscritos, formado por escritos mais diversos e numerosos do que no caso andino. São centenas de manuscritos que utilizam dois sistemas de escritura de forma isolada ou combinada: o pictoglífico, que contou com uma continuidade decrescente até pelo menos o final do século XVII, e o alfabético.⁵⁴

54. Segundo Lockhart, esses dois sistemas se auto-suportam e competem nos manuscritos coloniais do centro do México, mas há, sem dúvida, uma progressiva “vitória” do alfabético e o, conseqüente desaparecimento do pictoglífico. LOCKHART, James. *The nahuas after the conquest. A social and cultural history of the indias of Central Mexico, sixteenth through eighteenth centuries*. Stanford, California: Stanford University Press, 1992.

O principal levantamento dos manuscritos pictográficos foi realizado por John B. Glass em *A survey of native Middle American pictorial manuscripts*, parte do volume catorze do *Handbook of Middle American Indians*. No caso dos manuscritos coloniais, encontram-se subdivididos, nesta obra, segundo o maior ou menor grau de relação com as demandas coloniais castelhanas e, também, segundo sua temática e região de procedência. Sendo assim, são divididos em: coloniais nativos, patrocinados por espanhóis e coloniais mistos. A essa classificação, sobrepõe-se uma categorização segundo a região de procedência e outra de cunho temático, que os divide em: rituais/calendários, históricos, genealógicos, cartográficos, cartográfico-históricos, econômicos, etnográficos e miscelâneas.

Entre as cinco centenas de manuscritos pictográficos coloniais – chamados de códices coloniais –, há desde exemplares com material, formato, e temática tradicionais, relacionados principalmente ao sistema mixteco-nahua, até manuscritos que apresentam fortes influências da pintura, da escrita e do modo de encadernação castelhanos. No primeiro caso estariam códices como o *Borbónico*, o *Tonalamatl Aubin* e a *Tira de la peregrinación*, e no segundo os códices *Magliabechiano* e *Vaticano A*, entre muitos outros.

Muitos deles são *xiuhamatl* (anais) coloniais que incorporam, em distintos graus, demandas relacionadas aos enfrentamentos e horizontes políticos deste período, mesmo quando parecem não fazê-lo e manter um estilo e organização tipicamente mesoamericanos – é o caso, por exemplo, da primeira parte do *Códice Mendoza*, que registra a história mexica desde a fundação de México-Tenochtitlan com base na conta dos anos, mas, ao fazê-lo, produz uma narrativa “limpa” de elementos que poderiam ser considerados idolátricos, pois o manuscrito seria enviado para o rei de Espanha. Alguns dos mais famosos códices históricos coloniais são: *Aubin*, parte final do *Vaticano A*, *Azoyú n.º 1*, *Tira de la Peregrinación*, primeira parte do *Mendoza*, *Selden*, *Becker n.º 2*, *Rolo Selden* e *Historia tolteca chichimeca*, entre outros. Infelizmente não temos notícias de códices pictográficos coloniais maias e todos esses que mencionamos servem-se do sistema mixteco-nahua e provêm da região do altiplano central mexicano, Oaxaca e Ocidente de México.

Nestes casos, as histórias pictográficas mais tradicionais estão sujeitas aos mesmos problemas de entendimento que as pré-hispânicas, os quais tratamos na segunda parte deste artigo e que se relacionam centralmente com o entendimento da escrita mixteco-nahua e da forma como articula elementos glíficos e figurativos. No caso dos manuscritos híbridos, surge o problema e, ao mesmo tempo, vantagem adicional da presença de glosas ou explicações grafadas com o alfabeto latino. Vantagem, pois tais glosas e explicações têm sido as grandes “chaves” de decifração do sistema mixteco-nahua. Problema, pois ao analisar tais manuscritos não podemos tomar a relação entre os dois tipos de textos como uma simples e total transcrição. Trata-se de um complexo processo de “tradução” e adaptação – sempre interessada e dirigida em algum grau pelo contexto histórico – que não deve ser subestimado pelo estudioso. O mesmo tipo de problema aparece nos escritos alfabéticos, como veremos mais abaixo.

No caso dos textos alfabéticos nativos, o principal balanço e proposição de classificação – que também inclui escritos de autoria castelhana que tenham sido fortemente influenciados pelas tradições de pensamento e escrita locais⁵⁵ – foi realizado por Charles Gibson e John B. Glass e se encontra no volume quinze do *Handbook of Middle American Indians*. São cento e oitenta e oito textos divididos por região de procedência: norte e ocidente do México, México Central, Terras Baixas Maias e Terras Altas Maias.

Muitos desses textos possuem origem em anais pictográficos mesoamericanos e outros tipos de livros nativos de temática histórica. Algumas dessas histórias nativas coloniais encontram-se nos seguintes manuscritos: *Relación de Michoacán*, *Crónica mexicayotl* de Tezozomoc, *Cantares mexicanos*, *Historia de los mexicanos* de Cristóbal de Castillo, *Relaciones* e *Diario* de Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin, *Códice Chimalpopoca* (composto pela *Leyenda de los soles* e *Anales de Cuauhtitlan*), *Relaciones* de Alva Ixtlilxochitl, *Historia de los mexicanos por sus pinturas*, *Histoire du Mechique*, *Historia de Tlaxcala* de Diego Muñoz Camargo,

55. Como o famoso *Códice Florentino*, que consiste num texto castelhano e nahuatl produzido na segunda metade do século XVI, no altiplano central mexicano, por Bernardino de Sahagún sobre informações oriundas de diversos outros manuscritos confeccionados por sua “equipe”, composta por indígenas nahuas.

Primeros memoriales, Códice Matritense, Historia tolteca-chichimeca, Ritual de los Bacabs, Libros de Chilam Balam, Crónica de Mani, Relación de las cosas de Yucatán de Diego de Landa, *Anales de los Cakchiqueles* ou *Memorial de Sololá, Popol vuh* e *Títulos de los señores de Totonicapán*.

Aos conteúdos tradicionais, adicionavam-se temáticas coloniais. É o que ocorre, por exemplo, com os títulos primordiais, que evocam a cosmogonia e a história para recolocá-las diante da nova ordem colonial e obter o reconhecimento de direitos de posse de territórios – como os *Títulos de los señores de Totonicapán*, das terras altas maias.

Apesar de suas enormes diferenças formais e temáticas, é possível agrupar essas histórias nativas coloniais em dois grandes tipos, os quais, ao que parece, refletem a existência de dois momentos na história colonial das tradições nativas de pensamento e escrita.

O primeiro tipo é composto pelos manuscritos que recontam a história local e, em muitos casos, incorporam os eventos coloniais. Nestes casos, trata-se centralmente de tornar a história local inteligível aos estrangeiros – principalmente no caso dos códices híbridos, de “eliminar” alguns dos principais focos de confrontos político-ideológicos – como os antigos cerimoniais e cultos – e de reafirmar a importância da história local para a manutenção da coesão das elites dirigentes, tanto dentro da sociedade nativa quanto na relação desta com as instituições castelhanas. Os manuscritos desse grupo, como os códices *Mendoza* e *Vaticano A*, são essencialmente pictoglíficos ou híbridos e foram produzidos, no caso do altiplano central mexicano, sobretudo até o último quartel do século XVI – em outras regiões, de contato menos intenso com as instituições e presença castelhanas, eles continuam a ser feitos por muito mais tempo.

O segundo tipo é composto pelos manuscritos que inserem a história local ou a relacionam com a história universal cristã. Nestes casos, parece que não se trata mais de apenas tornar a história local inteligível aos estrangeiros ou de “limpá-la” das supostas idolatrias. Trata-se de reafirmar sua validade no interior de um quando mais amplo, formado pela história universal. Para isso, se operam profundas transformações na história local, identificando ou relacionando

diretamente alguns de seus episódios ou personagens a correspondentes do Velho Mundo – como o caso do dilúvio universal, dos gigantes e dos apóstolos de Cristo. Exemplos desse tipo de história, essencialmente alfabéticas, são as obras de Fernando de Alva Ixtlilxochitl e de Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin, produzidas na passagem do século XVI para o XVII.⁵⁶

Apesar dessas profundas transformações, diversas características da tradição histórica nahua continuaram quase onipresentes nos registros pictográficos e na oralidade transcrita durante o Período Colonial: 1 – a utilização de um preciso e complexo sistema calendário como elemento central na organização intelectual das explicações acerca do passado; 2 – a localização da época atual após uma seqüência de eras ou idades, cujos inícios e finais teriam sido marcados por criações e destruições cósmicas parciais; 3 – a centralidade temática do *altepetl* e seus *pipiltin*⁵⁷ nas narrativas acerca do passado mais recente.

Conclusões

Vimos que no caso das representações pré-hispânicas figurativas ou de leitura ampla, os principais problemas de entendimento e interpretação são: 1 – o desconhecimento do contexto de produção e uso de muitas dessas representações, sobretudo das portáteis, como vasos cerâmicos pintados, esculturas, pequenos gravados e outros; 2 – a tendência a universalizar ou essencializar os significados de determinadas formas, subestimando o valor em uso, a forma de apropriação dos objetos e signos em contextos e situações sociais específicas; 3 – a projeção

56. Parece que essas transformações podem ser relacionadas às fases de mudança no idioma nahuatl propostas por James Lockhart, que propõem a existências de três estágios baseados na evolução lingüística: I – de 1519 a 1540-50, no qual o nahuatl praticamente não apresenta mudanças; II – de 1540-50 a meados do XVII, caracterizado pelo uso de termos castelhanos em uma linguagem que permanece inalterada em outros aspectos; III – de 1640-50 a hoje, marcado pela influência espanhola devido ao bilingüismo, que se relaciona com o incremento da freqüência e intensidade do contato. Cf. LOCKHART, James. *The nahuas after the conquest. A social and cultural history of the indias of Central Mexico, sixteenth through eighteenth centuries*. Stanford, California: Stanford University Press, 1992.

57. Termos em nahuatl que podem ser traduzidos, respectivamente, por *cidade* ou *entidade política independente* e *nobreza local*.

retrospectiva das informações mais recentes, principalmente das oriundas do primeiro século do contato, aos períodos longínquos.

A esses problemas, no caso das fontes históricas pré-hispânicas escritas ou de leitura estrita, somavam-se os seguintes: 1 - o entendimento básico do código, principalmente no caso dos sistemas olmeca, zapoteca e teotihuacano, mas também no caso dos quipos andinos e de um possível registro de narrativas; 2 - as discussões e polêmicas em torno do caráter de escrita ou pintura do sistema mixteco-nahua.

No caso das fontes históricas nativas coloniais em textos alfabéticos ou pictográficos, enunciamos os seguintes problemas: 1 - a subestimação analítica do rol de demandas e horizontes políticos que estavam em jogo em cada um desses momentos históricos; 2 - a pouca atenção às profundas transformações ocasionadas pelo trasvase informações e relatos oriundos de sistemas de registro ou oralidade para os textos alfabéticos, ou oriundos de gêneros de explicação nativos para gêneros não-nativos; 3 - a dificuldade de compreendermos profundamente as concepções andinas e mesoamericanas de tempo, espaço, transformação, ancestralidade e outras.

Parece-nos que esses problemas relacionam-se diretamente a uma série de disciplinas acadêmicas diferentes e que compõem as Ciências Humanas. Por exemplo, o estudo do contexto de produção das representações figurativas tem sido tarefa dos arqueólogos, a tentativa de estabelecer um rol de significados possíveis para determinadas formas numa certa sociedade tem sido trabalho dos historiadores da arte, o entendimento dos sistemas dos contextos coloniais de transformação das escritas mesoamericanas tem ficado a cargo de historiadores. Sendo assim, a superação desses problemas só poderá vir da junção desses estudos por meio da proposição de pesquisas e problemas interdisciplinares (exemplificar).